



CONTAR HISTÓRIAS E ENSINAR MATEMÁTICA

Vânia Alves Carvalho¹,
Flomar Ambrosina Oliveira Chagas²

¹ Mestranda no PPGECM Instituto Federal de Goiás – Câmpus Jataí//E-mail vania.alvescarvalho72@gmail.com

² Instituto Federal de Goiás/IFG - Câmpus Jataí/ E-mail flomarchagas@gmail.com

Resumo:

Este é um recorte de uma pesquisa qualitativa, em andamento, em nível de mestrado profissional que busca responder a questão de pesquisa: quais seriam as contribuições da contação de histórias para a aprendizagem das quatro operações matemáticas em turmas de 5º ano? Os objetivos são verificar de que forma a prática da contação de histórias, no ensino da matemática, poderá auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem das quatro operações. Averiguar o modo como as ações dos (as) docentes, ao desenvolverem sua prática pedagógica, afetam a aprendizagem dos (as) discentes e sua relação com o objeto de conhecimento, a partir de relações afetivas. Verificar qual a concepção pedagógica que prevalece na prática docente, se a tradicional ou se a histórico-crítica. Aborda-se os princípios e os fundamentos da contação de histórias, entre eles, a escolha do repertório e a sua aproximação com a disciplina de matemática. A pesquisa está sendo realizada com docentes de 5º anos, do ensino fundamental, junto às dezesseis escolas municipais urbanas do município de Jataí. Os resultados parciais indicam que estes (as) contam histórias em sua prática diária, mas nem todas (os) possuem subsídios teóricos e metodológicos capazes de converterem essa interação afetiva da contação de histórias em aprendizagem.

Palavras-chave: Contação de histórias. Aprendizagem matemática. 5º ano.

Introdução

Essa pesquisa teve início no segundo semestre de 2019 com docentes de 5º ano, do ensino público municipal de Jataí. A partir de março de 2020, houve adaptação da proposta inicial, passando para modo remoto as atividades que ocorreriam de forma presencial. Isto se deu devido à pandemia da Covid 19, doença causada pela infecção com o novo coronavírus, cujo nome oficial é SARS-CoV-2. Assim, essa proposta da pesquisa, tanto pode ser utilizada no modo presencial quanto remoto, com as devidas adaptações.

O interesse por essa temática deu-se por perceber, ao longo da carreira como professora e/ou coordenadora pedagógica que os discentes que passam parte de seu tempo escolar com professores e professoras contadores de história têm um desenvolvimento afetivo e cognitivo bem mais desenvolvido que aquelas (es) que não têm essa oportunidade. Isto se confirma nos escritos de Dantas (1993) ao dizer que é a atividade emocional que realiza a transição entre o estado orgânico do ser e sua etapa cognitiva racional, que só pode ser atingida

por meio da mediação cultural, isto é social. Esse elo de afetividade precisa ser fortalecido entre os pares, e a contação de histórias, que por essência necessita da mediação do (da) outro (a), tem função primordial no desenvolvimento do cognitivo, bem como do afetivo. Para que haja essa interação afetiva, é necessário que os (as) docentes contadores e contadoras de histórias se guiem por princípios.

Café (2015) mostra princípios essenciais para quem se pretende dedicar ao ofício da contação de histórias, entre eles: oralidade, memória, imaginação, emoção e espontaneidade, que juntos são responsáveis pela formação de imagens mentais, tanto em quem conta, como em quem ouve.

Wallon (2010) escreve sobre a importância da afetividade para o desenvolvimento da criança e como forma de despertá-la, entre tantas outras ações da pessoa adulta mediadora, a contação de histórias é essencial. É um elo capaz de desenvolver, por meio do lazer e da ludicidade, a socialização e a organização da personalidade da criança.

Por sua vez, Bettelheim (2002) afirma que os contos maravilhosos são capazes de transmitir sentidos à mente humana consciente, pré-consciente e também inconsciente, mesmo que de forma simbólica, e ainda lida com problemas universais humanos, principalmente aqueles que mais afligem as crianças, como a morte.

Já Gómez-Chacón (2002) aborda os mitos e crenças sobre esta aprendizagem matemática, os quais representam obstáculos, muitas vezes, intransponíveis. A autora afirma que, às vezes, estudantes, carregam consigo emoções negativas em relação a essa aprendizagem e com isso acabam desenvolvendo complexos autodestrutivos, o que gera reações de ansiedade e impede o desenvolvimento. Isso se dá porque o ensino da matemática, por séculos, foi aplicado dando ênfase somente a razão, sem considerar os aspectos afetivos e emocionais da aprendizagem na disciplina.

E de acordo com Smole (2004), a matemática também é uma forma de comunicação e todas as habilidades consideradas comunicativas, portanto mais relacionadas à área da linguagem, devem também promover a aprendizagem da matemática, de forma que uma complemente a outra. Esta autora afirma que é necessário não haver separação entre as disciplinas, mas há de se ter o cuidado para que essa integração entre os conhecimentos não seja feita de forma artificializada e os conceitos específicos da disciplina de matemática se percam. Mesmo que uma área de aprendizagem sirva de suporte para outra, cada uma tem as suas especificidades, o seu vocabulário e linguagem própria, cujos aspectos devem ser

explorados em separado. Dessa forma, objetivo desse estudo é verificar como a prática da contação de histórias, no ensino da matemática, poderá auxiliar no desenvolvimento da aprendizagem das quatro operações matemáticas, bem como averiguar qual a concepção pedagógica que prevalece na prática docente, se a tradicional ou se a histórico-crítica.

Para compreender que a contação de histórias é um recurso de aprendizagem da matemática, é necessário antes, compreender que existem diferentes concepções pedagógicas para a aprendizagem da disciplina. Em uma concepção tradicional, a aprendizagem matemática se limita a lista de exercícios repetitivos e mecânicos, memorizações e a (o) docente como centro do saber. Na concepção histórico-crítica, essa aprendizagem, busca recursos para além daquilo que é considerado estritamente da matemática. Enquanto o ensino tradicional de aprendizagem separa matemática e língua, as concepções mais críticas tentam, por sua vez, a não compartimentalização das disciplinas, “procura articular um tipo de orientação pedagógica que seja crítica sem ser reprodutivista” (SAVIANI, 2013, p. 3).

Metodologia

Esta é uma pesquisa de abordagem qualitativa. Conforme Gil (2011), este tipo de pesquisa não se preocupa com números, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, neste caso, grupo de docentes. É também do tipo intervenção, tendo como suporte Damiani (2012). Para a autora, esse tipo de investigação tem a função clara de planejar, implementar e avaliar práticas pedagógicas inovadoras, bem como, proporcionar a potencialização da aprendizagem das (os) estudantes nela envolvidos.

Devido à situação de pandemia, todo o contato com os (as) docentes, bem como a coleta de dados, foram realizados por meios digitais. Inicialmente, criou-se um grupo pelo aplicativo *whatsApp*, por meio do qual os (as) trinta e cinco docentes das escolas municipais de Jataí, foram convidados (as) para participarem de um minicurso de formação. No texto convite, foram explicitados os objetivos, duração, período e forma de realização do minicurso. Doze pessoas confirmaram participação, porém, um deles foi acometido pela Covid 19 e não pode participar.

A partir da definição da quantidade e quais seriam os participantes, foi enviado um questionário que teve suporte em Gil (2011), via *google forms*, para a coleta de dados, cuja análise de conteúdo, em andamento, está sendo realizada conforme Franco (2018). Os encontros foram realizados por meio de sala virtual do *google meet*.

O primeiro encontro teve como eixo orientador as respostas do questionário virtual aplicado aos (às) cursistas sobre as suas vivências com a literatura e a contação de histórias. Em seguida, passou-se ao estudo do conceito de literalidade e a sua ausência ou presença em uma obra. No segundo encontro, abordou-se os princípios e fundamentos que guiam o contador de histórias: memória, imaginação, emoção e espontaneidade. A pauta para o terceiro encontro foi a escolha e preparação do repertório, o espaço utilizado, a linguagem corporal e o uso ou não de maquiagem, acessórios e figurinos na contação de histórias.

Na escolha do repertório, entre os livros/textos discutidos para o trabalho com as quatro operações, citamos a fábula *A menina do leite*, atribuída a Monteiro Lobato, e *Os problemas da família Gorgonzola* de Eva Furnari. Tanto o primeiro encontro como o segundo, tiveram como principal base teórica Café (2015).

E no quarto encontro, orientou-se os (as) cursistas sobre como relacionar os fundamentos da contação de histórias com a aprendizagem matemática, (SMOLE, 2004). Após os quatro encontros, foi enviada aos (às) cursistas, também via *google forms*, a avaliação final do minicurso de formação, com análise em andamento, conforme Franco (2018).

Resultados e discussões

A pesquisa, em andamento, mostrou que os (as) docentes têm o hábito de contar histórias para os (as) discentes, com uma frequência semanal e utilização de gêneros textuais variados. A respeito de se utilizar a contação de histórias para a aprendizagem da matemática ou de outra disciplina, usam essa prática, com mais abrangência para as disciplinas de Ciências e Língua Portuguesa. Em relação à disciplina de Matemática, as (os) docentes apresentaram dificuldade em abordar os fundamentos e princípios da contação de histórias e ao mesmo tempo aprofundar os conceitos específicos da área da matemática, de forma que essa aprendizagem não cause benefício de uma disciplina em detrimento de outra, (SMOLE, 2004).

A partir das discussões realizadas no minicurso, bem como da análise inicial dos dados da pesquisa, percebe-se que os (as) docentes do grupo de estudo utilizam em sua prática uma concepção tradicional de aprendizagem.

Foi possível ainda, discutir com os (as) cursistas, a partir de Matos (2014), que ao se utilizar a contação de histórias para a aprendizagem de determinadas disciplinas, a literatura e a contação de histórias não podem ter esse objetivo como principal função, a prioridade deverá ser o deleite e a fruição. Além disso, conforme Bettelheim (2002), percebeu-se, que os contos

maravilhosos capacitam os (as) alunos (as) para enfrentarem o mito de que a matemática é difícil, pois são capazes, de forma simbólica e inconsciente, prepará-los (as) emocionalmente para lidar com seus medos e ansiedades.

Houve compartilhamento entre os pares sobre diferentes formas de se abordar a linguagem matemática a partir da prática da contação de histórias, bem como outras obras que podem ser abordadas com o objetivo da aprendizagem matemática.

Considerações Finais

Ao verificar de que forma a prática da contação de histórias, numa abordagem matemática, é capaz de proporcionar a aprendizagem das quatro operações básicas, é possível dizer que os (as) docentes estão pré-dispostos a uma concepção crítica de aprendizagem, que entre outras práticas, já buscam a não compartimentalização das disciplinas, conforme orienta Smole (2004). Alguns dos integrantes do grupo já utilizam em suas aulas o trabalho com sequência didática e projetos que envolvem a contação de histórias, o que segundo eles e elas, facilita a aproximação entre as disciplinas. No entanto, ao serem indagados (as) sobre qual teoria sustenta o uso de sequências e projetos na escola ou ainda a contação de histórias, afirmam que não possuem base teórica. Isto sustenta a afirmação do início desse estudo: faltam aos (às) docentes subsídios teóricos e metodológicos que os (as) orientem no sentido de possibilitar que a contação de histórias, além de proporcionar a fruição e o prazer, também proporcione aprendizagem matemática.

Também, tendo como base as devolutivas, após cada encontro, e a análise (ainda parcial) da avaliação final, pode-se afirmar que os conceitos, as teorias, os fundamentos e o material didático preparado para cada encontro foram proveitosos para a prática dos (as) docentes, porque, de acordo com eles e elas, a aproximação entre as disciplinas afins como geografia e história, com a contação de histórias, não traz tanta dúvida, mas abordar a matemática, mais especificamente, as quatro operações em um texto literário, já é necessário um conhecimento maior de obras literárias e da metodologia para essa aproximação, de forma que a matemática não se perca na literatura, e essa, por sua vez, não seja apenas pretexto para ensinar conteúdos escolares matemáticos.

Referências

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Tradução: Arlene Caetano. 16. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CAFÉ, Ângela Barcellos Coelho. **Os contadores de histórias na contemporaneidade: da prática à teoria, em busca de princípios e fundamentos**. Tese (Doutorado em Artes). Universidade Brasília, 2015.

DAMIANI, Magda Floriana. Pelotas. **Sobre pesquisas do tipo intervenção**. XVI Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino, ENDIPE – FE/UNICAMP, Campinas. Livro 3, p. 2878 -2886, 2012. Disponível em: <http://endipe.pro.br/ebooks-2012/2345b.pdf>. Acesso em: 22 nov. 2019.

DANTAS, Heloysa. **Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon, em La Taille, Y., Dantas, H., Oliveira, M. K. Piaget, Vygotsky e Wallon: teorias psicogenéticas em discussão**. São Paulo: Summus Editorial Ltda, 1993.

FURNARI, Eva. **Os problemas da família Gorgonzola: desafios matemáticos**. São Paulo: Global. 2005.

FRANCO, Maria Laura Puglisi. **Análise de conteúdo**. 5.ed. São Paulo: Autores Associados, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Método e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2011.

GRATIOT, Alfandéry, Helene. **Henri Wallon**. Tradução e organização: Patrícia Junqueira. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Ed. Massangana, 2010.

GÓMEZ CHACÓN, Inés María. **Afecto y aprendizaje matemático: causas y consecuencias de la interacción emocional**. In Reflexiones sobre el pasado, presente y futuro de las matemáticas. Universidad de Huelva. Huelva. 2002

LOBATO. Monteiro. **A menina do leite**. In. Fábulas. 23.ed. São Paulo: Brasiliense. 1971.

MATOS, Gislayne Avelar. **A palavra do contador de histórias: suas dimensões educativas na contemporaneidade**. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações**. 11.ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2013.

SMOLE, Kátia Cristina Stocco et al. **Era uma vez na matemática: uma conexão com a literatura infantil**. 4. ed. São Paulo: IME-USP, 2004.